

1.1. Programa de monitoramento das interferências com a população indígena Suruí-Aikewara

1.1.1. Justificativas

A implantação da UHE Santa Isabel não incidirá diretamente na Terra Indígena Sororó, situada no estado do Pará. Entretanto, as alterações socioambientais advindas do empreendimento na região do entorno, com o deslocamento de populações locais, a intensificação de migrações, além do provável aquecimento econômico (induzido pelo aumento da circulação de pessoas, veículos e materiais), implicarão que os Aikewara fiquem expostos às interferências associadas ao empreendimento, com maior intensidade do que a população regional não-indígena.

Essas interferências, certamente vão se traduzir na intensificação do tráfego na rodovia que atravessa a Terra Indígena Sororó (BR-153), tornando-a ainda mais vulnerável a invasões e ocupações ilegais, propiciando desmatamentos ou acidentes como incêndios, dado o processo de ~~desmatamento~~ que se verifica no entorno, com a formação de inúmeras pastagens.

desertificação

1.1.2. Objetivos

O objetivo deste programa é o de implementar ações de proteção, fiscalização e recuperação ambiental da Terra Indígena, bem como a divulgar informações qualificadas aos Aikewara sobre a UHE Santa Isabel, nos aspectos referentes à natureza e às características do empreendimento, de modo a preparar a comunidade para conviver com as mudanças socioeconômicas e ambientais na região.

1.1.3. Metodologia e procedimentos

O procedimento adotado para o tratamento da questão indígena em relação ao empreendimento é a implantação de um conjunto ações, estruturadas em subprogramas de proteção, fiscalização e recuperação ambiental da Terra Indígena Sororó, a serem negociados e acompanhados pela Funai e pelo Ministério Público Federal.

Em paralelo deverá ser implementado um subprograma de comunicação social específico, com a finalidade de divulgar informações qualificadas para a comunidade indígena, sobre todas as etapas do empreendimento. Esse procedimento possibilitará o acompanhamento efetivo por parte dos Aikewara das ações em curso, bem como poderá subsidiar ajustes na execução dos subprogramas, preparando a comunidade para as mudanças que ocorrerão na região.

Um procedimento simultâneo consistirá na implantação de um programa voltado para a conscientização dos setores envolvidos diretamente na obra – trabalhadores, empreiteiras e fornecedores - em relação à presença indígena na região e à especificidade das relações interétnicas.

Para a implantação do Programa foram previstas as seguintes etapas:

- interação com a Funai, por intermédio da Coordenadoria do Patrimônio Indígena e Meio Ambiente (CGPIMA) e da Administração Regional de Marabá (PA), e com o Ministério Público Federal, para orientação sobre os procedimentos a serem seguidos, (legislação, regulamentos, dentre outros) para a definição, detalhamento, execução e avaliação dos subprogramas específicos;
- realização de levantamentos complementares na Terra Indígena Sororó;
- detalhamento e implantação do Subprograma de Comunicação Social específico para os Aikewara;
- detalhamento dos Subprogramas e apresentação para os órgãos intervenientes e lideranças indígenas;
- implementação dos Subprogramas.

Quanto ao fornecimento de informações dirigidas à comunidade indígena, cabe mencionar que estas deverão ser efetuadas em todas as etapas do empreendimento, de maneira didática e apropriada (bilingüe), propiciando eventuais ajustes nos subprogramas propostos, bem como esclarecimentos quanto às áreas de influência direta e indireta do empreendimento, e seu papel no desenvolvimento regional, com critérios de sustentabilidade.

Quanto à conscientização de trabalhadores (em todos os níveis), empreiteiras e fornecedores, que estarão diretamente envolvidos com a construção da UHE Santa Isabel, deverá ser previsto no Programa de Comunicação Social a inserção de informações qualificadas (por meio de palestras, realizadas por especialistas e utilização de materiais didáticos como folhetos, cartazes, cartilhas, dentre outros) sobre a presença indígena na região, relações interétnicas, diferenças culturais, legislação indigenista e aspectos de saúde (prevenção de doenças endêmicas, doenças sexualmente transmissíveis etc.).

1.1.4. Prazo de execução

Este programa deverá ser implementado após a obtenção da licença de instalação. Observa-se que o detalhamento do programa, após a licença prévia, deverá contar com apoio da Funai e ações de comunicação com o grupo indígena, inserido-o nas proposições das ações.

45. Comunidades indígenas: interferências com o universo simbólico dos *Aikewara* da Terra Indígena Sororó

| Natureza | | Forma | | Duração | | | Época de ocorrência | | Reversibilidade | | Abrangência | | | Magnitude | | Importância | | |
|---|-----|-------|-----|---------|-----|-----|---------------------|----|-----------------|-----|-------------|-----|------|-----------|-----|-------------|-----|-----|
| POS | NEG | DIR | IND | PER | TEM | CIC | CP | LP | REV | IRR | LOC | REG | ESTR | BAI | ALT | PEQ | MED | GRA |
| | X | X | | X | | | | X | | X | | X | | | X | | | X |
| Fase do empreendimento em que o impacto se manifesta: (X) planejamento; (X) construção; (X) operação | | | | | | | | | | | | | | | | | | |

A implantação da UHE Santa Isabel, no baixo rio Araguaia, trará impactos de ordens distintas para a vida dos *Aikewara*, tradicionais habitantes da região.

Junto à porção conhecida como “corredeiras de Santa Isabel”, no rio Araguaia, por eles denominado *Paraná*, encontra-se a Serra dos Martírios que tem, para este povo, uma dimensão simbólica significativa, ligada ao mito de sua origem: daquela localidade teriam se originado e se dispersado, até o encontro com os Kaiapó, que os fizeram recuar. Esta região fazia parte da área de perambulação dos *Aikewara* até a primeira metade do século XX, quando começou a ser ocupada por garimpeiros de cristal de rocha, intensificando-se desde então as pressões sobre o território indígena, retardando o seu reconhecimento oficial – e devida proteção pelo Estado – até, praticamente, os dias atuais.

Embora, o território ocupado pela Terra Indígena Sororó não venha a ser afetado diretamente pelas intervenções físicas decorrentes da construção e operação da UHE Santa Isabel, é necessário observar o caráter relativo da definição das áreas de influência do empreendimento, uma vez que nessa conceituação não são levados em consideração os aspectos simbólicos que fazem parte da cultura de um povo.

É preciso levar em conta a experiência de outros povos indígenas que também foram submetidos a esta classificação e que, no entanto, sofreram duras conseqüências de um processo que adquiriu uma dimensão mais extensa e significativa, ultrapassando os critérios meramente físicos e territoriais como, por exemplo, os chamados Gavião da TI Mãe Maria, em relação à construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí.

O anúncio de uma provável barragem no baixo Araguaia ocorre exatamente num momento em que a comunidade *Aikewara* se prepara para reaver uma porção significativa de seu território, que permaneceu excluída com a demarcação efetuada – a gleba *Tuapokuakau*, com cerca de 11.500 hectares a oeste da TI demarcada. Ou seja, instaura-se aí um clima de incertezas e dúvidas exatamente quando os interesses da comunidade e seu fortalecimento interno (*fações*) estão voltados para a recuperação dessa porção, pelo qual aguardaram décadas, embora esteja bastante degradada pela ação de desmatamentos e assentamentos fundiários irregulares, em território reconhecidamente *Aikewara* e que lhes foi subtraído mediante pressão e desmandos políticos locais.

Recomendações:

- desenvolver estudos complementares e de natureza interdisciplinar sobre as conseqüências do empreendimento sobre o modo de vida dos Aikewara, e o processo de reconhecimento oficial da porção de terras a ser anexada a TI Sororó - a Gleba Tuapekuakau - reivindicação que atravessou duas gerações;
- realizar reuniões sistemáticas com representantes indígenas, da Funai e do Ministério Público Federal, com a finalidade de definir linhas de ação e medidas mitigadoras dos efeitos da implantação de barragem no baixo Araguaia;
- realizar encontros e reuniões ampliadas com representantes indígenas e dos demais segmentos populacionais locais, a partir de suas associações, sindicatos de trabalhadores rurais, dentre outros, visando ao intercâmbio de informações e estabelecimento de estratégias e cronogramas de ações comuns e diferenciadas.

| | |
|---|--|
| Caráter da medida: | Fase de implementação: |
| <input checked="" type="checkbox"/> preventivo <input type="checkbox"/> corretivo <input type="checkbox"/> não se aplica | <input checked="" type="checkbox"/> planejamento <input checked="" type="checkbox"/> construção <input checked="" type="checkbox"/> operação |
| Eficácia da recomendação: | |
| <input checked="" type="checkbox"/> minimiza <input type="checkbox"/> maximiza <input type="checkbox"/> neutraliza <input type="checkbox"/> não se aplica | |

46. Comunidades indígenas: intensificação do tráfego na Terra Indígena Sororó

| Natureza | | Forma | | | Duração | | | Época de ocorrência | | Reversibilidade | | Abrangência | | | Magnitude | | Importância | | |
|---|-----|-------|-----|-----|---------|-----|----|---------------------|-----|-----------------|-----|-------------|------|-----|-----------|-----|-------------|-----|--|
| POS | NEG | DIR | IND | PER | TEM | CIC | CP | LP | REV | IRR | LOC | REG | ESTR | BAI | ALT | PEQ | MED | GRA | |
| | X | X | | X | | | X | | | X | | X | | | X | | | X | |
| Fase do empreendimento em que o impacto se manifesta: | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| (X) planejamento; (X) construção; (X) operação | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |

O deslocamento de populações provocado por empreendimentos de infra-estrutura, como o caso de barragens, torna mais vulnerável a integridade dos territórios indígenas, sujeitos a invasões descontroladas. A história recente dos *Aikewara* é marcada pelos conflitos em torno da questão fundiária, com processos administrativos que se arrastam há décadas na agência governamental, permeados por crises institucionais e políticas, que acabam retardando as soluções para os problemas existentes. Ao longo dos anos, a TI Sororó foi palco de inúmeras invasões e de incêndios.

A intensificação da movimentação e circulação de pessoas e veículos para transporte de materiais e equipamentos, que vai se verificar em toda a região é um outro aspecto a ser levado em consideração, e suas repercussões sobre a Terra Indígena Sororó.

No eixo da rodovia BR-153, recentemente pavimentada, que atravessa a TI Sororó, é esperado o incremento de tráfego de veículos pesados, no trecho compreendido entre o sudeste do Pará e o norte do Tocantins, trazendo conseqüências, já nefastas, para o modo de vida dos *Aikewara*.

Afora a ausência de sinalização adequada, a rodovia propicia invasões e as suas margens vêm sendo utilizadas para disposição irregular de dejetos e, não raras vezes, de cadáveres (por duas vezes no ano de 2003 os Aikewara notificaram a polícia destas ocorrências).

Recomendações:

- desenvolver estudos complementares e de natureza interdisciplinar sobre as conseqüências do empreendimento sobre o modo de vida dos Aikewara;
- realizar reuniões sistemáticas com representantes indígenas, da Funai e do Ministério Público Federal, com a finalidade de definir linhas de ação e medidas mitigadoras dos efeitos da implantação de barragem no baixo Araguaia;
- realizar encontros e reuniões ampliadas com representantes indígenas e dos demais segmentos populacionais locais, a partir de suas associações, sindicatos de trabalhadores rurais, entre outros, visando ao intercâmbio de informações e estabelecimento de estratégias e cronogramas de ações comuns e diferenciadas.

| | | | | | |
|--|------------------------------------|--|--|--|--|
| Caráter da medida: | | | Fase de implementação: | | |
| <input checked="" type="checkbox"/> preventivo | <input type="checkbox"/> corretivo | <input type="checkbox"/> não se aplica | <input checked="" type="checkbox"/> planejamento | <input checked="" type="checkbox"/> construção | <input checked="" type="checkbox"/> operação |
| Eficácia da recomendação: | | | | | |
| <input checked="" type="checkbox"/> minimiza | <input type="checkbox"/> maximiza | <input type="checkbox"/> neutraliza | <input type="checkbox"/> não se aplica | | |

47. Comunidades indígenas: interferências com as atividades de subsistência dos Aikewara da Terra Indígena Sororó

| Natureza | | Forma | | Duração | | | Época de ocorrência | | Reversibilidade | | Abrangência | | | Magnitude | | Importância | | |
|---|-----|-------|-----|---------|-----|-----|---------------------|----|-----------------|-----|-------------|-----|------|-----------|-----|-------------|-----|-----|
| POS | NEG | DIR | IND | PER | TEM | CIC | CP | LP | VER | IRR | LOC | REG | ESTR | BAI | ALT | PEQ | MED | GRA |
| | X | X | | X | | | | X | | X | X | | | | X | | | X |
| Fase do empreendimento em que o impacto se manifesta: | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| (X) planejamento; (X) construção; (X) operação | | | | | | | | | | | | | | | | | | |

Os cursos d'água formadores do rio Gameleira, afluente da margem esquerda do baixo Araguaia, constituem o limite sudeste da Terra Indígena Sororó.

A formação do reservatório não atingirá esses formadores, que se encontram a mais de 30 km, em linha reta, do final do braço de reservatório no rio Gameleira.

No entanto, as alterações ambientais decorrentes do empreendimento, como a supressão de habitats, a inundação de matas ciliares, o afugentamento da fauna, poderão interferir com as atividades de caça, pesca e coleta os Aikewara.

Nessa porção do território atual da TI Sororó há um castanhal importante – denominado Água Fria - cuja produção é fonte de subsistência e de renda para a

OBS.: Em julho de 1996, representantes da Comissão Especial de Desaparecidos Políticos da Câmara dos Deputados e Ministério da Justiça estiveram no limite sudeste da TI Sororó, guiados por três *Suruí*, numa localidade denominada São Raimundo, onde foram encontrados os restos mortais de uma pessoa entre os desaparecidos políticos naquela região.



Foto: Vicent Carelli

Pum-pum, tá-tá-tá-rá-rá-rá

Índios Suruí, batedores do Exército, narram a guerrilha

Os índios Suruí são dos poucos habitantes da região que falam abertamente sobre a guerrilha. Eles a acompanharam de perto: serviram de batedores para o Exército, guiando os soldados na mata e indicando pistas dos guerrilheiros. Hoje, vivendo numa aldeia de 64 pessoas, perto da estrada que o general Antônio Bandeira mandou construir em 60 dias, os Suruí fazem um relato dramático dos últimos lances da guerrilha.

“Os Soldados sempre procurava nós:

- Rapaz, você conhece a mata, né?
- Sabe sim.
- Você sabe onde está terrorista?
- Sabe sim.

Então os soldados pediu licença da Funai. Maravi e Arecachu, os dois entrou primeiro na mata - veio um Toyota buscar. Nós procurava a picinada, via barraquinha dele embaixo do cipozal, mas terrorista se escondeu mesmo. Nós esperava na mata... esperava... esperava... Tinha muito avião... helicóptero voava baixinho. Demorou, até que quebrou o pau. Terrorista mandou uma brasa: tá-tá. Soldado mandou uma brasa: Tárrrrr.

Esse cara (o índio Arecachu) ajudou muito carregando morto dentro do helicóptero. Cortava a cabeça e levava pro São Raimundo para tirar retrato. Era homem, mulher, tudo misturado. Mas de primeiro morreu um bocado de soldado. Soldado foi tomar água, a Dina estava esperando lá: páaaaaa. Agora chegou um cara de Brasília, rapaz! Foi ele que acabou tudo. Como era o nome dele?... Doutor Antônio (NR - general Antônio Bandeira).

Ele trouxe muita espingarda pra nós, cartucho pra gente caçar. Soldado primeiro pegou o pessoal que dava coisas pro terrorista. Foi tudo preso, tudinho, tudinho. Bateram, bateram - soldados perguntava pra ele assim:

- O que tu deu pra ele?...
- Cartucho.
- E mais?...
- Farinha.
- E mais?...
- Sal.
- Aonde tem quem ajuda terrorista?
- Tem muito aí.
- Me diz qual ele é?
- Pernambuco.

E fomo atrás do Pernambuco. Levemo ele pro São Raimundo. Amarremo numa árvore - aí o cara ficava à altura: Soldado falou e levou logo peixeira na testa dele - tec!, só estrelava.

- Conta aí, nego velho, o que tu deu?
- Ele convidou pra mim fazer paiol na mata pra ele, paiol de farinha.
- Tu tava mentindo pra mim, rapaz!
- Eu tava com medo dele me matar!
- E, matava nada! Porque vocês que dá, rapaz!

Uma vez terrorista saia da mata. Pegaram soldado lá no entrocamento de São Domingos. Terrorista pegou a arma dele. E voltava pros acampamento dele. Os soldados entrava de seis com a gente no mato. Eles avisava pra nós:

- É escutar barulho, vocês passa pra trás de mim.

Agora o soldado, na hora que vê o barulho dele, vai andando mesmo: taaaaaaa!... Quebrou tudinho cabeça, saiu tudinho o miolo: páaaaaa! A gente escutava aqui na aldeia o barulho: Tá-tátátátátátátátátátárrrrrr!

Antes era difícil de achar. Agora, não: é fácil. Soldado falou:

- Tem que acabar com esse terrorista: ele quer tomar o Brasil, esse terrorista não presta.

Roupa do terrorista já parecia saco velho. Primeiro camisa nova, depois camisa velha. Gente branca, morena, preta.... Amarelo tinha também.. Tem ferida, tudinho aqui também na cara, tudinho cheia de caroço. Não tem fogo, não tem fósforo, acabou tudo. Nós chegava no acampamento dele no cipozal e soldado ia mexer nas coisas, não deixa nós.

- Rapaz, você não pega nesse bicho aí!
- Ele abriu, rapaz! Coisou, queimou tudo na cara do soldado - o pólvora. Ele fez o negócio todo feito pra morrer qualquer soldado. Mas soldado já tava com muita força.

A Dina ... - diz que ela era baiana -, foi pegada lá em Marabá: ia atravessar pro São Félix, mataram ela. O Osvaldão morreu sozinho - foi ali: nós vimos lá no São Raimundo. (NR - uma das pequenas bases de apoio do Exército dentro do mato), morto, pendurado pela perna no helicóptero, por corda. Rapaz, ele era fogo mesmo - muito preto. Roupa dele não presta não, tudo rasgado.

FONTE: MOVIMENTO, 17.07.78 P.10